

AUTISMO: AS POSSIBILIDADES DE COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM NÃO-VERBAL

Autora: Verônica de Holanda Santos

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP - Email: vhollandasantos@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe analisar as possibilidades de comunicação do indivíduo autista. O autismo é uma síndrome que possui comprometimento nos domínios da comunicação, da sociabilização e da imaginação. A maioria dos casos relatados na literatura geral deixam de analisar a linguagem não-verbal desses indivíduos. Escolhemos o método qualitativo, do tipo estudo de caso, com base em observação de uma criança de 6 anos criança, do sexo masculino.

Palavras-chave: Autismo, linguagem não-verbal, comunicação.

Introdução

O autismo é um transtorno do desenvolvimento infantil, que é comumente diagnosticado antes dos três anos de idade e é mais comum em crianças do sexo masculino. O autismo pode ser definido como prejuízo nos aspectos da comunicação, interação e linguagem e que a criança levará pelo resto de sua vida.

Até poucas décadas atrás, o autismo era em geral confundido com algum tipo de esquizofrenia infantil ou outras doenças mentais. Inúmeros estudos e pesquisas, desde sua primeira identificação em 1943 por Leo Kanner (KANNER, 1977), há 60 anos, tem ajudado a determinar um conjunto de critérios aceitos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e que se encontram registrados no CID-10 (International Classification of Disease – version 10) e no DSM IV (Diagnostical Statistical Manual – version 4), desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria – APA. Ambos os sistemas de diagnósticos baseiam seus critérios em três áreas consideradas importantes no diagnóstico do autismo: interação social, comunicação (verbal e não verbal) e comportamental.

Segundo (VYGOTSKY 1989, apud CALDAS, 2004, p.13), com sua teoria sociointeracionista, a atividade do sujeito refere-se ao domínio dos instrumentos de mediação, inclusive sua transformação por uma atividade mental. Para ele, o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com os outros sujeitos, e consigo próprio, que vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

As comunicações não-verbais são sinais que produzimos, gestos que fazemos, imagens que criamos ou percebemos. Elas acontecem por meio das mãos, da cabeça, do rosto, da boca, enfim, ocorre pela expressão de todo o corpo. Relacionam-se com a emoção e a sensibilidade e estão presentes nas trocas interpessoais e também na comunicação de massa (SENAC, 2006, p.28). Diante destes aspectos citaremos (Caldas, 2004, p.8):

[...] “A linguagem é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo em todos os aspectos. Ela está relacionada e contribui para a formação de “Ser” biológico, cognitivo, social e cultural”.

O desenvolvimento humano se dá numa rede de relações, num jogo de interações em que diferentes papéis complementares são assumidos e atribuídos pelos e aos vários participantes. Papéis que são definidos segundo ideias e valores de determinados grupos em confronto com outros grupos. Em Caldas (2004, p.14) temos: “Para Lier-De-Vitto (1994), a linguagem é força fundante, condição para a significação e para o nascimento do sujeito. Isto implica em dizer que não há conhecimento anterior ou fora da linguagem e que, se há um plano interno, é aquele constituído no e pelo movimento discursivo”.

Sendo assim, é a linguagem que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, e é onde as funções mentais superiores são socialmente formadas transmitidas.

Nesta parte iremos verificar a linguagem em uma perspectiva multimodal, onde gesto e fala unem-se em sistema único de significados. E assim em Fonte (2011, p.54) temos: “Kendon (1982) contribuiu para os estudos sobre a multimodalidade ao propor uma tipologia com base em contínuos. Dentre os gestos, identifica a gesticulação, a pantomima e os gestos emblemáticos. McNeill (2000) retoma essas tipologias gestuais e observa a presença obrigatória da fala, a ausência de propriedades linguísticas e de caráter convencional na gesticulação”.

Ainda em referência a McNeil (1985,2003), os gestos e a língua, então, são mais bem compreendidos como um único sistema por serem usados juntos durante o fluxo de comunicação. Ao mesmo tempo em que falamos, usamos a gesticulação, ou seja, ambos são significados de nossas ações criados no momento do fluxo da fala.

O objetivo é refletir sobre a ideia de que a linguagem da criança com autismo tem função comunicativa partindo do pressuposto de que a concepção de linguagem multimodal é de suma importância para a compreensão dos processos de interação do autista.

Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido em uma escola do município do Paulista/Pernambuco entre os meses de fevereiro a dezembro de 2016. A criança com TEA – Transtorno do Espectro Autista de seis anos, do sexo masculino. A metodologia foi uma abordagem qualitativa observacional do tipo estudo de caso.

A análise foi baseada na observação de comportamento das atividades de comunicação entre a criança e os colegas de classe, bem como da criança com a professora regente e o apoio especializado que está sempre em sala de aula para acompanhá-la nas tarefas. Fundamentado nos referenciais da concepção de comunicação.

Resultado e Discussão

Após verificar o comportamento da criança pelo tempo da pesquisa, podemos refletir acerca do funcionamento da linguagem do autista, pois sua linguagem não-verbal tem muito a dizer. Já que ao mesmo tempo em que falamos, usamos a gesticulação, ou seja, ambos são significados de nossas ações criados no momento do fluxo da fala. Mesmo que ela não verbalize, ela, a criança com TEA procura dentro de sua limitação, encontrar meios para se fazer comunicar.

Deve-se refletir sobre a ideia de que a linguagem, qualquer que seja, (o silêncio, o gesto, a gestualidade etc) da criança com autismo tem função comunicativa partindo do pressuposto de que a concepção de língua multimodal é de suma importância para a compreensão dos processos de comunicação do autista.

As análises dos dados baseadas nas observações apontaram que é necessário levar em consideração, quando se pretende investigar as possibilidades de linguagens, todos os elementos verbais e não-verbais.

E com os resultados obtidos dos dados observados permitiram a ampliação da discussão referente ao comportamento além do funcionamento das abordagens da linguagem, o modo singular como o indivíduo autista se apropria e dela faz uso.

Conclusões

O presente artigo buscou apontar caminhos que auxiliem o estudioso da linguagem a refletir acerca do funcionamento da linguagem do autista, uma vez que sua linguagem não-verbal tem muito a dizer, ou seja, seus gestos, seu silêncio, tudo é linguagem.

A proposta adotada para este trabalho considerou o ato comunicativo como unidade mínima de análise, que começa quando a interação adulto-criança, criança-adulto, criança-criança ou criança-objeto é iniciada, terminando quando o foco de análise da criança muda ou há troca de turno, bem como toda e qualquer forma de linguagem utilizada por esses indivíduos (verbal, não-verbal, transverbal).

Ao finalizar este trabalho, vale lembrar que, por se tratar de um estudo de caso, novas pesquisas devem ser realizadas no sentido de se obter maiores evidências científicas sobre crianças com TEA em sua interação, linguagem e comunicação.

Referências

CALDAS, Kátia Urbano. **A construção da linguagem em uma criança com características autísticas a partir do processo interativo**. Dissertação do Mestrado. Universidade Católica de Pernambuco, 2004. 97f.

FONTE, Renata Fonseca Lima da. **O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega**. Tese de . UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2011. 315f.

GERHARD, Tatiana; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p.

KANNER, L. **Os distúrbios autísticos de contato afetivo**. In: ROCHA, P.S. Autismos. São Paulo: Escuta, 1997. McNeill, D. So you think gestures are nonverbal? Psychological Review, v.92, n3, p.350-371, 1985.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, 370p.

PIERRE, Weil. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

RECTOR, Monica; TRINTA, Aluizio Ramos. **Comunicação do Corpo**. São Paulo: Editora Ática, 1990. 87 p.

SENAC. DN. **Comunicação verbal e não-verbal**. Lenira Alcure et al. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006. 72p.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2ed. 1989.